

# O PAS alcança a maioridade

Minervino Junior/CB/D.A Press



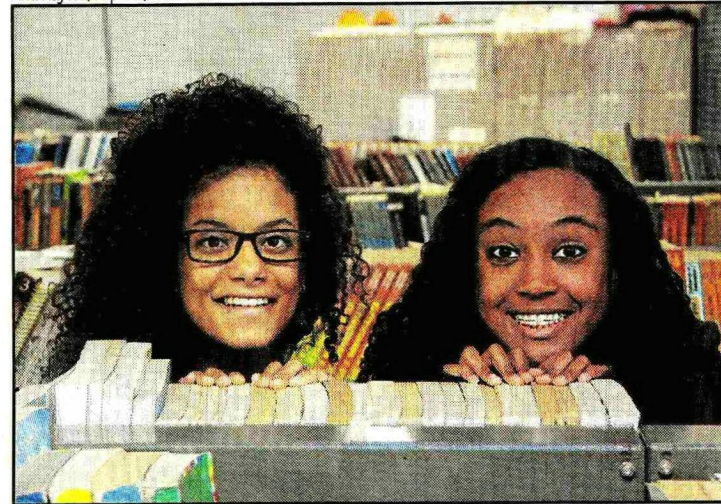
Hoje médico, Rafael Souza fez o primeiro PAS, entre 1996 e 1998, e foi aprovado em segunda chamada na UnB

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press



Gustavo Araújo chegou a fazer direito na UnB e medicina na ESCS

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press



A dupla Gabrielle e Bárbara tenta uma vaga na universidade este ano

A instituição das cotas para alunos da rede pública no PAS foi um estímulo. "A gente acaba ficando para trás. Depois das cotas, pensei: existe um lugar para mim na UnB, e comecei a me esforçar. É difícil passar. A concorrência às vezes é maior do que pelo sistema tradicional", constata Gabrielle.

A base adquirida no ensino médio e o esforço adicional paulatino fazem dos aprovados no PAS um modelo dentro da Universidade de Brasília. "As análises de desenvolvimento ao longo dos anos

com base no Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) mostram um desempenho melhor entre os que foram aprovados pelo PAS. É um dos motivos para continuar com o programa. Os dados mostram que é bom para a UnB", ressalta o decano de ensino de graduação, Mauro Rabelo.

Os alunos do PAS mantêm o menor índice de reprovação em disciplinas ao longo do curso: 10%. O número passa para 13% no sistema universal e 18% entre os cotistas.

## >> Três perguntas para

**Ivan Camargo,**  
reitor da Universidade  
de Brasília (UnB)

**Qual é a avaliação  
acerca do PAS nesses  
18 anos?**

Muito positiva. Fui decano de ensino de graduação e sempre acompanhei os dados do PAS. É impressionante: os alunos com melhores resultados, com as melhores menções nas disciplinas são os que passam no PAS. Quem passa no PAS é o aluno que tem regularidade, tem disciplina e mantém essas características valiosas dentro da universidade.

**Existem rumores de  
que o PAS poderia  
acabar. Isso é verdade?**

Existe uma pressão para que todas as universidades se adaptem ao Enem, ao SisU. Mas estamos muito satisfeitos com essa forma de avaliação. Não tem nenhum colegiado da universidade que discuta o fim do PAS. Não vai acabar, não existe nem burburinho aqui dentro, é só lá fora.

**O PAS é um instrumento  
para melhorar  
o ensino médio?**

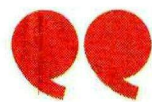
A ideia do PAS desde o início era exatamente essa interação da universidade com o ensino médio. Até hoje temos essa parceria. Existe um fórum dos professores no qual se discute o que vai ser aplicado no PAS com o professor do ensino médio. É uma coisa absolutamente positiva. A ideia era que esse contato com a escola pública favorecesse o desenvolvimento dela, mas o poder de adaptação e desenvolvimento das escolas particulares é tão grande que eles ocupam esses espaços.

» MANOELA ALCÂNTARA

Em dezembro, o Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília completa a maioridade com uma garantia do atual reitor: não será engolido pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Pelo contrário, abre um novo subprograma em 2014 e comemora a parceria com a educação básica. Após 18 anos da aplicação da primeira prova, o programa conseguiu quebrar o muro que verticalizava as relações. Hoje, em vez de as escolas correrem atrás do conteúdo das provas, as decisões sobre o que será abordado em aula e na avaliação são conjuntas. O *Correio* ouviu três gerações do PAS para saber o que pensam sobre o certame. Embora as visões sejam diferentes, eles relatam que a experiência os ajudou a amadurecer.

Era 1995. O ex-diretor do Cespe, Lauro Morhy, assumia a reitoria. A vontade de instituir uma avaliação seriada, que não testasse o estudante somente em um vestibular, era discutida há 10 anos, e o documento para implantá-la começa a tomar forma. "É uma oportunidade de avaliar melhor o aluno", defendia Morhy.

No fim daquele mesmo ano, foi publicado o edital para o subprograma 1996-1998, o primeiro da história da seleção. Rafael Souza Maurmo, hoje com 33 anos, concluiu a 8ª série do ensino fundamental. Aluno exemplar, as notas na escola sempre eram excepcionais. Mas ele não conhecia o novo modelo de avaliação aplicado a partir de 1996 e não teve um resultado similar. Na última série do ensino médio, a ficha caiu. Estava longe da pontuação que o levaria para medicina. Nessa hora, recebeu um dos conselhos mais valiosos: "Meu avô, engenheiro muito bem-sucedido, olhou para mim e disse: 'Não adianta fazer muitos exercícios. Você precisa fazer todos os exercícios'", conta Rafael. Estudou mais. Só que ficou em 16º, quando só havia 15 vagas para



**Foi muito bom.  
O PAS me fez  
amadurecer mais  
cedo. Se não fosse  
pela avaliação  
seriada, não teria  
despertado para  
essa necessidade  
de me empenhar  
ainda no  
ensino médio"**

**Rafael Souza Maurmo,**  
médico, que passou  
no primeiro PAS



**Quantidade de estudantes  
que entraram na UnB  
por meio do PAS**

**EU ESTUDANTE**  
acompanhe a cobertura on-line no site:  
[www.correioabrazilense.com.br/euestudante](http://www.correioabrazilense.com.br/euestudante)

medicina. "Fiquei decepcionado", lembra. Dias depois, a surpresa: passou em segunda chamada.

"Foi muito bom. O PAS me fez amadurecer mais cedo. Se não fosse pela avaliação seriada, não teria despertado para essa necessidade de me empenhar ainda no ensino médio", diz. Rafael se formou em 2004, fez dois anos de cirurgia geral e se especializou em

urologia. Hoje, é médico-legista da Polícia Civil e atua em dois hospitais como urologista.

## Esforço

Dez anos após Rafael Maurmo iniciar os estudos para o PAS, Gustavo Araújo, 24, acabava de concluir a prova do segundo ano do subprograma de 2005-2007. Aluno do Colégio Militar de Brasília, a rotina de estudos era levada a sério e com rigor. "Diferentemente da maioria dos estudantes, comecei a investir no PAS desde o primeiro ano. Acho que esta é uma das maiores vantagens do programa: ele ajuda a melhorar o ensino médio. Assim, não terá uma formação deficiente", acredita.

O empenho levou Gustavo Araújo à aprovação no curso de direito, o segundo mais concorrido da época. Criou uma rotina tão rígida de estudos que não se sentiu incomodado em cursar direito na UnB e medicina na Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS) ao mesmo tempo. Formou-se nas duas faculdades, mas decidiu ser médico. Hoje, com duas graduações, faz residência em pediatria no HMIB.

Os dois fazem parte dos 21.651 alunos que entraram na Universidade de Brasília pelo PAS, de 1999 até hoje. Entre eles, 7.811 concluíram o curso e outros 7.010 estão para se formar. De 2003 a 2013, cerca de 389 mil pessoas se inscreveram para a seleção, segundo dados do Cespe.

Enquanto Rafael e Gustavo viram o PAS se desenvolver, formaram-se e hoje são profissionais conceituados, Gabrielle Christina Alves e Bárbara Costa da Silva, ambas com 17, buscam uma vaga na UnB. Estudantes de escolas públicas, elas tentam a aprovação pelas cotas sociais. "Eu me inspirei na minha tia. Ela já tinha feito e deu várias dicas para que eu levasse a sério desde o começo. Agora, preciso de 13 pontos para entrar no curso de geografia. Espero conseguir", afirma Bárbara.